

## ESCREVENDO E ESCREVIVENDO COM AS MULHERES DA PESCA NA ILHA DA TOROTAMA

*WRITING AND 'ESCREVIVENDO' WITH THE FISHERWOMEN OF TOROTAMA ISLAND"*

*ESCRIBIENDO Y 'ESCREVIVIENDO' CON LAS MUJERES DE LA PESCA EN LA ISLA DE TOROTAMA*

Costa, Rubilaine Borges da

### RESUMO

Este estudo, com foco nas mulheres da Ilha da Torotama, destaca as diversas formas como elas se apresentam. Para compreender foi feito pesquisa exploratória onde as sujeitas apresentaram a problemática das mulheres na pesca, para elas é: conviver com um trabalho árduo, depender da natureza e receber remuneração insuficiente, invisibilidade do setor público e falta de reconhecimento do trabalho. Teórica e metodologicamente, o pós-estruturalismo é uma abordagem valiosa para esta pesquisa, pois permite compreender as mulheres como sujeitas ativas dentro do contexto territorial em que estão inseridas. A Escrivivência, conceito criado por Conceição Evaristo, consiste em expandir a escrita de si mesmo e das próprias vivências para incluir a história de outras pessoas, como no caso da pesca artesanal. Isso nos permite escolher quais vozes queremos que sejam ouvidas e como elas serão representadas. É importante considerar as vozes das mulheres que vivem o cotidiano, que enfrentam as realidades e dificuldades da vida na pesca, bem como aquelas que têm uma perspectiva que lhes permite interpretar e suavizar a realidade. Como resultados preliminares, estamos desenvolvendo cartografia social, grupo focal, no qual as sujeitas participam diretamente da escrita, pelo olhar de quem está presente vivenciando os conflitos.

**Palavras-Chave:** Pescadoras. Escrivivência. Ilha da Torotama. Território. Pesca.

### ABSTRACT

This study, focusing on the women of Torotama Island, highlights the various ways in which they present themselves. In order to understand, exploratory research was conducted where the subjects raised the issues faced by women in fishing, which include coping with arduous work, depending on nature, receiving insufficient remuneration, experiencing invisibility in the public sector, and lack of recognition for their work. Theoretically and methodologically, post-structuralism is a valuable approach for this research, as it allows for the understanding of women as active subjects within the territorial context in which they are situated. "Escrivivência," a concept coined by Conceição Evaristo, involves expanding the writing of oneself and one's own experiences to include the history of other people, as seen in the case of artisanal fishing. This enables us to choose which voices we want to be heard and how they will be represented. It is important to consider the voices of women who live the everyday life, facing the realities and difficulties of fishing, as well as those who have a perspective that allows them to interpret and soften the reality. As preliminary results, we are developing social mapping, a focus group in which the subjects directly participate in the writing, offering insights from those experiencing the conflicts firsthand.

**Keywords:** Fisherwomen. Escrivivência. Torotama Island. Territory. Fishing.

### RESUMEN

Este estudio, centrado en las mujeres de la Isla de Torotama, destaca las diversas formas en que se presentan. Para comprenderlo, se realizó una investigación exploratoria en la que las sujetas abordaron los problemas que enfrentan las mujeres en la pesca, como convivir con un trabajo arduo, depender de la naturaleza, recibir una remuneración insuficiente, la invisibilidad en el sector público y la falta de reconocimiento de su labor. Teórica y metodológicamente, el postestructuralismo es un enfoque valioso para esta investigación, ya que permite comprender a las mujeres como sujetos activos dentro del contexto territorial en el que se encuentran. "Escrivivência", un concepto creado por Conceição Evaristo, implica expandir la escritura de uno mismo y de las propias experiencias para incluir la historia de otras personas, como en el caso de la pesca artesanal. Esto nos permite elegir qué voces queremos que se escuchen y cómo serán representadas. Es importante tener en cuenta las voces de las mujeres que viven el día a día, que enfrentan las

realidades y dificultades de la vida en la pesca, así como aquellas que tienen una perspectiva que les permite interpretar y suavizar la realidad. Como resultados preliminares, estamos desarrollando cartografía social, un grupo focal en el que las participantes contribuyen directamente a la escritura, aportando la mirada de quienes están presentes viviendo los conflictos.

**Palabras clave:** Pescadoras. Escrivivência. Isla Torotama. Territorio. Pesca.

## INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma metodologia que busca unir a pesquisa acadêmica e científica ao conhecimento empírico e tradicional, especialmente no contexto das mulheres pescadoras da Ilha da Torotama. Como autora e vejo nesta abordagem um elo que faltava para a escrita de minha dissertação de mestrado.

A “escrivivência” de Conceição Evaristo, conforme interpretada por Duarte e Nunes (2020), é uma forma de escrita neste contexto das mulheres pescadoras. Elas lutam para desconstruir a imagem frequentemente transmitida delas por meio de olhares que não vivenciam a realidade, que não tem em suas vivências a pesca como profissão. Esta é uma construção da realidade que muitas vezes é negada por aqueles que escrevem, pois eles não possuem a perspectiva de quem a viveu na comunidade tradicional, todos os seus momentos.

No decorrer deste artigo, exploraremos essa metodologia e discutiremos como ela pode ser aplicada para melhor compreender e representar as vivências das mulheres pescadoras que são participantes diretas da pesquisa de dissertação de mestrado.

“Escrever é dominar o mundo”, conclui Clarice. Não tenho a experiência de domínio algum. A escrita nasceu para mim como procura de entendimento da vida. Eu não tinha nenhum domínio sobre o mundo, muito menos sobre o mundo material. Por não ter nada, a escrita me surge como necessidade de ter alguma coisa, algum bem. E surge da minha experiência pessoal. Surge na investigação do entorno, sem ter resposta alguma (DUARTE E NUNES 2020, p.34).

Após a apresentação do projeto de pesquisa foi nos indicado a “Escrivivência”, conforme definido por Evaristo, envolve a expansão da escrita de si mesmo e das próprias experiências para incluir a história de outras pessoas, neste caso, da pesca artesanal, e também a inclusão de outras histórias, pelo olhar de quem vive a comunidade tradicional e tem na pesca sua tradicionalidade.

Este método nos dá a liberdade de escolher quais vozes queremos que sejam ouvidas e como serão escritas. Precisamos levar em consideração as vozes das mulheres que vivem o cotidiano, que experimentam as realidades e as dificuldades da vida na pesca, bem como aquelas que têm uma perspectiva que permite interpretar de maneira clara a realidade.

Segundo Soares (2017), escrever também significa contar histórias pessoais, seja a própria história ou a de outras pessoas ou de ambas. A autora afirma que a “escrivivência” coloca o indivíduo como parte da história, pois ao falar de si mesmo, também fala do outro, e ao falar do outro, fala de si mesmo.

Para isso decidimos escrever a dissertação juntamente com um grupo de mulheres, criado após pesquisa exploratória na Ilha da Torotama, e juntamente com esse grupo dar continuidade a pesquisa para entender como as mulheres da Ilha da Torotama se identificam no âmbito da legislação da comunidade e delas mesmas.

## ESCRIVIVÊNCIA É VIVER ENQUANTO ESCREVE

Escrever é uma maneira de contar histórias que vão muito além de documentos, ou escritas científicas, é viver enquanto escreve, misturando a riqueza e a grandeza das experiências que cada uma traz em sua bagagem. A “escrivivência”, um termo usado pela escritora brasileira Conceição Evaristo, é uma forma de escrita que se baseia na experiência vivida.

No contexto das pescadoras da Ilha, a escrevivência se torna uma ferramenta poderosa para expressar suas vivências únicas. Essas mulheres, que passam seus dias em período de safra divididas entre várias

funções entre a terra e o mar, têm histórias de vida para contar. Suas experiências não são apenas sobre a pesca, mas também sobre a vida na Ilha, a comunidade, a família e a luta diária pela sobrevivência.

No início desta pesquisa, por meio de conversas informais, explicamos às pescadoras que estamos desenvolvendo um trabalho de pesquisa focado nas mulheres da Ilha da Torotama, destacando as diversas formas como elas se apresentam. Partimos do questionamento às informantes sobre o que significa ser pescadora. As respostas indicaram que é conviver com um trabalho árduo, depender da natureza, receber remuneração insuficiente e ser dominada por outros agentes da cadeia produtiva, além de sofrer com a invisibilidade do setor público e a falta de reconhecimento do trabalho.

No estuário da Lagoa dos Patos, a inserção das mulheres na pesca começa desde muito cedo. As crianças e adolescentes trabalham com seus pais ou familiares, principalmente no beneficiamento de camarão e siri. A iniciação das mulheres e dos homens na pesca geralmente é feita pelas mulheres, que ensinam sobre o cuidado com os equipamentos e as formas de beneficiamento.

Silva e Adomilli (2020) descrevem que as crianças começam na pesca muito cedo, por volta dos oito ou nove anos, já ajudando seus pais. Já Fassarela (2007) menciona que a introdução das crianças nas tarefas da pesca é um processo natural, mas destaca que desde a infância já se observa a divisão sexual do trabalho, com as meninas auxiliando nas tarefas domésticas e no beneficiamento do pescado, enquanto os meninos vão para a praia com os pais e até mesmo para o mar.

No contexto desta pesquisa, Hellebrandt et al. (2019) mostram a presença de crianças envolvidas no descasque de camarão na Ilha da Torotama, uma atividade comum na região. É frequente que as meninas auxiliem suas mães no descasque de camarão e na remoção da carne de siri, enquanto os meninos acompanham seus pais no mar.

A autoidentificação das mulheres como pescadoras é um processo em constante evolução na Ilha da Torotama. As mulheres, que sempre foram participantes ativas na pesca da comunidade, estão ganhando reconhecimento nos últimos anos. Elas são pescadoras, descascadoras de camarão, tiradoras de carne de siri, donas de casa, mães, fileteiras, remendadoras de redes, fabricantes de redes, entre outras atividades relacionadas à pesca artesanal, incluindo a manutenção de equipamentos e embarcações. Algumas mulheres da ilha desempenham uma ou mais dessas atividades, de acordo com as necessidades, mas isso não as desqualifica como pescadoras.

No entanto, parte das mulheres ainda enxerga suas tarefas na pesca como parte de suas responsabilidades domésticas diárias. Elas selecionam camarões, carregam peixes ou selecionam siris. No entanto, essas atividades se tornaram tão cotidianas que muitas vezes as realizam sem considerar que isso é seu trabalho, não reconhecendo-as como uma profissão, mas apenas como parte de sua rotina de vida.

De acordo com Hellebrandt et al. (2019), as mulheres mesclam o trabalho na pesca com suas atividades domésticas e muitas vezes não são remuneradas por isso, o que mantém sua invisibilidade na pesca e a falta de reconhecimento de seu trabalho. Essas mulheres têm seus territórios definidos e locais de trabalho específicos, seja na praia, nos barcos, nos galpões ou no quintal de casa. Na Torotama, cada família tem seu próprio porto, geralmente localizado o mais próximo possível de suas residências.

De acordo com Santos e Timóteo (2019), no descasque de camarão, também é comum ver mulheres trabalhando no quintal de casa, intercalando suas atividades com os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos. Esse tipo de trabalho acaba descaracterizando a função e fazendo parecer que não é um trabalho de fato, o que muitas vezes leva as próprias pescadoras a se sentirem dessa forma.

A parceria com os maridos é evidente nas palavras de uma pescadora da Ilha da Torotama, que destaca a importância do trabalho feminino e o orgulho que sente por ser pescadora, mesmo agora aposentada.

“ Ser **pescador** é muito trabalho, não é só ir pescar, é ficar em casa preocupada com tempo ruim sem saber o que os maridos estão passando. É ajudar a carregar redes, ajudar a escolher o que eles pescam, é ser tão pescadoras quanto eles, tenho muito orgulho de ser uma pescadora agora já aposentada (MT, 63 anos).

Destacamos que essa invisibilidade reflete no autorreconhecimento das pescadoras. Durante a pesquisa exploratória, quando perguntamos o que ser pescadora significava para elas, observamos que algumas das respostas estavam relacionadas aos homens e não a elas como sujeitas da pesca.

“... ser um **pescador** e sinônimo de **lutador**, de um **guerreiro**, que trabalha muito e muitas vezes ganha pouco, que tem que todos os dias tá lá de pé, muitas vezes cansado, as vezes doente, mais nunca desiste de sua pesca (D R, 37 anos).

Por muitos anos, apenas aqueles que iam ao mar e estavam envolvidos diretamente na captura eram reconhecidos como pescadores. Uma convenção foi estabelecida e, assim, as mulheres ensinavam seus filhos, onde os meninos partiam para o mar muito cedo, enquanto as meninas ficavam em casa ajudando nos afazeres domésticos e em outras atividades relacionadas à pesca. Dessa forma, a divisão sexual do trabalho na pesca foi perpetuada.

Lourenço (2020) apresenta um levantamento histórico sobre a invisibilidade das mulheres na pesca artesanal e faz uma análise dos direitos relacionados à legislação que não oferece proteção legal às mulheres que não estão em regime de economia familiar. Muitas mulheres perdem seus direitos após a morte dos pais ou após o divórcio. A autora afirma que ainda persiste a questão de como as mulheres devem agir quando não têm um membro da família para se vincular à previdência social, seja por serem solteiras, pela morte do parceiro, pelo divórcio ou pela aposentadoria do cônjuge.

As dificuldades associadas à invisibilidade das mulheres na pesca muitas vezes as levam a abandonar não apenas a pesca, mas também suas comunidades tradicionais, onde nasceram e foram criadas. Elas tentam resistir, mas a luta pela busca de necessidades básicas as impulsiona a procurar outros caminhos e deixar seus territórios.

Existem alguns órgãos e leis que regulamentam a pesca artesanal e os direitos de homens e mulheres na pesca. Entre eles está a Lei 11.959/09, que estabelece a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca e define pesca como qualquer operação, ação ou ato voltado para extrair, colher, capturar ou apreender recursos pesqueiros, bem como todas as outras atividades relacionadas à pesca.

Consideram-se atividade pesqueira artesanal, para os efeitos desta Lei, os trabalhos de confecção e de reparos de artes e petrechos de pesca, os reparos realizados em embarcações de pequeno porte e o processamento do produto da pesca artesanal. (BRASIL, 2009).

Segundo a Colônia de Pescadores Z1, na Ilha da Torotama, atualmente estão registrados 200 pescadores. De acordo com os dados da colônia, a diretoria estima que desses duzentos, cinquenta sejam mulheres. Ressaltamos que esse não é o número total de pescadores da Ilha, pois muitos ainda estão cadastrados no regime de economia familiar e não precisam ser sócios diretos, principalmente as mulheres, que em sua maioria são registradas como dependentes dos maridos ou dos pais.

A Colônia de Pescadores Z1 nunca teve uma mulher como presidente. Apesar de haver mulheres qualificadas que fazem parte de movimentos na luta pela pesca artesanal no município, a representatividade das mulheres na instituição é limitada. Esse não reconhecimento também é apontado pelas mulheres nas entidades que representam os trabalhadores e trabalhadoras da pesca. Algumas delas enfatizam a luta pelo reconhecimento, inclusive entre as próprias mulheres e na comunidade.

## ESCREVIVÊNCIA COMO FERRAMENTA DE DISCUSSÃO

A escrevivência permite que essas mulheres contem suas histórias à sua maneira, com suas próprias vozes. Podemos compartilhar nossas alegrias e tristezas, os ganhos e desafios, na pesca artesanal e tudo que faz parte das nossas vidas. Ao fazer isso, essas mulheres colocam em documento suas próprias vidas, mas também contribuem para uma compreensão mais ampla das mulheres da pesca da Ilha da Torotama.

Portanto, a escrevivência é mais do que apenas uma forma de escrita; é uma forma de autoafirmação e resistência. É uma maneira de as pescadoras da Ilha afirmarem suas existências e importância em um mundo que muitas vezes pode ignorar ou marginalizar suas vozes. E é por isso que a escrevivência é tão importante

porque cada voz importa, cada história importa. E com isso damos vez e voz as pescadoras, fazemos com que elas se sintam participantes dessa pesquisa.

A escrevivência, no contexto da produção de conhecimento na Psicologia Social, emergiu como uma escolha analítico-metodológica para apresentar as histórias de vida de mulheres, que se articulam entre si bem como à trajetória de mulher negra da primeira autora. (SOARES 2017, p.206).

Para realizar as escrevivências foram criados espaços de discussão coletiva com as pescadoras da Ilha, abordando as problemáticas relacionadas à condição de ser mulher na pesca artesanal. Nos grupos focais, também foram promovidas oficinas com o objetivo de esclarecer os direitos das mulheres da pesca. O primeiro encontro ocorreu em dezembro de 2022, dando início aos demais encontros.

Inicialmente, foi realizado um questionário aplicado a algumas mulheres. Em seguida, foi criado o grupo focal, onde ocorreu um encontro inicial com algumas mulheres para direcionar a pesquisa. Nesse encontro, houve uma conversa de apresentação, seguida por uma palestra e uma cartografia social realizada com as sujeitas.

Para dar continuidade à pesquisa, foram realizados encontros mensais com as mulheres, de forma presencial, em reuniões mais descontraídas. Foram convidados especialistas para esclarecer as dúvidas que as mulheres tiveram durante o percurso, especialmente em relação à legislação, saúde e aos seus direitos como pescadoras. Ao todo, foram realizadas 10 reuniões com a presença das pescadoras, um sábado por mês, com início às 15h. Cerca de 15 mulheres foram convidadas para participar, formando o grupo de conversas. Nestas reuniões, foi que começamos a compreender os objetivos gerais e específicos da pesquisa, além de trazer convidados que puderam esclarecer as dúvidas mais comuns, como questões relacionadas à legislação, aposentadoria, seguro-defeso, saúde da mulher, entre outros. Esses momentos foram de suma importância para gerar discussões sobre a invisibilidade das sujeitas nas legislações, nas entidades e na própria comunidade.

Durante as reuniões do grupo focal, também foram realizados registros na cartografia social, iniciada no primeiro encontro, em que as próprias sujeitas definem seu território e marcam seus locais de trabalho e vivências.

No grupo focal, foram elaboradas escrevivências das pescadoras. As primeiras “escrevivências”, surgiram como uma maneira de compreender e expressar as experiências vividas. No contexto das pescadoras, essas escrevivências desempenharam um papel crucial na identificação das principais dificuldades que enfrentam em termos de reconhecimento na lei, institucional na comunidade e autorreconhecimento.

As pescadoras, apesar de desempenharem um papel fundamental na comunidade e na economia local, muitas vezes encontram dificuldades quando se trata de reconhecimento. Isso pode variar desde a falta de acesso a direitos e benefícios até a falta de representação nas instituições que tomam decisões que afetam diretamente suas vidas e meios de subsistência.

Através da escrevivência, essas mulheres têm a oportunidade de expressar suas lutas e desafios, dando voz às suas experiências muitas vezes ignoradas ou marginalizadas. Ao fazer isso, elas não apenas destacam as injustiças que enfrentam, mas também contribuem para o diálogo mais amplo sobre direitos e igualdade.

Portanto, as primeiras escrevivências servem como um meio de as mulheres expressarem e defenderem seu ponto de vista, permitindo que as pescadoras compartilhem suas histórias e desafiem as estruturas de poder existentes. Ao fazer isso, elas estão ajudando a moldar um futuro mais justo e inclusivo para todas as pescadoras.

Nossa primeira sessão de “escrevivência” aconteceu no dia 29 de abril. Começamos assistindo ao documentário “Eu sou pescadora”, apoiado pelo projeto Avaliação dos Impactos na Pesca. Esse projeto faz parte da iniciativa Pesquisa Marinha e Pesqueira, uma medida compensatória estabelecida pelo Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) da empresa Chevron.

O documentário contou com a participação de duas pescadoras da Ilha dos Marinheiros e serviu para

estimular as mulheres a falar sobre o que significa ser uma pescadora. Rapidamente, nos identificamos com o vídeo e começamos a discutir sobre um documentário feito com algumas mulheres da Ilha, chamado "As Sirizeiras". Isso nos incomodou, pois "sirizeira" não é uma profissão, mas apenas uma das atividades desenvolvidas pelas mulheres pescadoras.

Durante a conversa, falamos sobre a falta de publicações sobre as mulheres da Ilha, as pescadoras da Ilha e sobre o reconhecimento. Muitas histórias surgiram, incluindo comentários como "Fomos silenciadas por muitos anos" e "A maioria dos homens ainda acha que a mulher não é pescadora e sim uma ajudante".

Comuniquei às mulheres que elas seriam parte da dissertação e que também escreveriam. Elas seriam participantes da dissertação e faríamos uma escrevivência. A pergunta era: quem são as pescadoras da Ilha? Depois de um breve silêncio, começamos a nos comparar e nos reconhecer no documentário, discutindo sobre a rotina da vida de uma pescadora.

A discussão abordou vários tópicos, incluindo o trabalho doméstico, o valor do Siri e do camarão, o auto-reconhecimento como pescadoras e o preconceito enfrentado pelas mulheres na profissão de pescadora. Essa primeira sessão de escrevivência foi um passo importante para entender e documentar as experiências das mulheres pescadoras da Ilha.

**Figura 1:** Grupo das Mulheres da Ilha da Torotama



**Fonte:** Autora (2023).

"Estivemos silenciadas por muitos anos" é uma declaração poderosa que expressa o sentimento de muitas mulheres que se sentem ignoradas pelos órgãos públicos e pela sociedade. Uma mulher relatou que, ao tentar fazer os documentos para o seguro defeso, foi questionada por uma atendente do INSS se realmente era pescadora, simplesmente porque estava bem arrumada.

Lourenço (2020) argumenta que uma análise baseada apenas na legislação para entender quando as mulheres começaram a ser oficialmente reconhecidas como pescadoras é insuficiente e incompleta. Isso ocorre devido à omissão habitual da legislação, conforme evidenciado pela análise documental realizada pela autora em sua pesquisa. Mesmo sem uma legislação específica ou o uso genérico de termos como "pessoas" ou "indivíduos", as instituições reconheceram os homens como os principais atores da pesca ao longo da maior parte da história. Isso mostra que ainda hoje há uma luta pelo reconhecimento legal e cultural das mulheres na pesca.

Em nosso primeiro encontro, ficou claro que as mulheres entendem que têm uma profissão e trabalham duro, mas muitas vezes se sentem constrangidas, seja por homens, órgãos governamentais ou outras pessoas, incluindo líderes. Há uma percepção de que para ser considerada pescadora, a mulher precisa estar diretamente envolvida na captura. No entanto, cada vez mais mulheres estão se reconhecendo e se

autodenominando como pescadoras artesanais da Ilha da Torotama, apesar das dificuldades.

Essas mulheres têm plena consciência do trabalho que realizam, sabem identificar seus territórios e seus equipamentos de pesca. O que fica claro é que elas não têm dúvidas sobre o que fazem, mas às vezes temem a afirmação.

## **A PARTICIPAÇÃO DIRETA DAS PESCADORAS NO CONTEXTO DA PESQUISA**

Em 23 de maio, tivemos uma reunião online com o INSS para esclarecer as dúvidas das pescadoras. A maioria do grupo participou ao vivo, mas algumas pescadoras que não puderam participar ao vivo enviaram suas perguntas para serem respondidas. Foram esclarecidas várias questões sobre o seguro defeso, auxílio maternidade, direitos da mulher após a separação, aposentadoria e documentação necessária. Logo após a reunião com o INSS na semana seguinte tivemos nosso encontro presencial.

Durante a reunião, surgiram várias histórias pessoais. Uma mulher compartilhou que foi questionada pelo INSS sobre como poderia ser pescadora se estava bem arrumada. Outra falou sobre a dificuldade de provar que era pescadora após a separação do marido. Também foram discutidos os desafios de combinar diferentes períodos de trabalho para a aposentadoria e os documentos necessários para provar uma união estável.

As mulheres expressaram sua frustração com o tratamento que recebem dos órgãos públicos e a luta pelo reconhecimento como pescadoras. Elas falaram sobre o constrangimento que sentem ao buscar benefícios e a luta para se autoafirmarem como pescadoras.

A reunião com o INSS proporcionou um espaço seguro para as mulheres fazerem perguntas e expressarem suas preocupações. Foi uma oportunidade valiosa para elas compartilharem suas experiências e buscarem esclarecimentos sobre seus direitos e benefícios.

Embora ainda estejamos na fase de construção da pesquisa, já é possível observar a disposição e o entusiasmo das mulheres envolvidas. Elas demonstram satisfação em ter um meio que podem expressar seus pensamentos, sentimentos e anseios. Este espaço tem permitido que elas compartilhem suas experiências, desafios e sucessos, contribuindo para uma compreensão mais detalhada de suas vidas e do papel que desempenham na pesca e na Ilha. Através da escrevivência, estamos não apenas coletando dados para nossa pesquisa, mas também proporcionando às mulheres uma oportunidade para terem suas vozes ouvidas e suas histórias contadas.

## **CONCLUSÕES**

A "escrevivência", conforme estamos colocando neste estudo, prova ser uma ferramenta de suma importância para dar voz às experiências das mulheres pescadoras da Ilha. Através deste processo, essas mulheres estão tendo a oportunidade de expressar suas vivências, desafios e conquistas de uma maneira autêntica e empoderada.

Este estudo destacou a importância do auto-reconhecimento e da autoafirmação no contexto da pesca artesanal. As mulheres pescadoras, apesar dos desafios que enfrentam, mostraram uma força notável e uma determinação inabalável para reivindicar seu lugar e reconhecimento tanto nos órgãos como na sociedade.

No entanto, este estudo também destacou a necessidade de um maior reconhecimento legal e institucional das mulheres pescadoras. A luta por direitos iguais e representação adequada é uma questão que se alonga e que requer atenção e comprometimento dos órgãos.

Em consideração final, podemos dizer que a "escrevivência" é um meio do poder da narrativa pessoal e da importância de ouvir e valorizar todas as vozes. Através da "escrevivência", as mulheres pescadoras não são apenas ouvidas, mas também celebradas por sua força, resistência e contribuições importantíssimas para suas comunidades.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (2009)]. **NORMAS GERAIS DA POLÍTICA NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA AQUICULTURA E DA PESCA.**

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/l11959.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11959.htm). Acesso em: 3 jul. 2022.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre as obras de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FASSARELA, Simone Simões. **A Vez e a Voz de Mulheres que Atuam na Atividade da Pesca na Vila São Miguel (RS): Trajetórias e Perspectivas**. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande, 2007, p. 64. Acesso em: 24 jun. 2022.

HELLEBRANDT, Luceni. O Que Torna as Mulheres Invisíveis na Pesca? Reflexões a partir de Pesquisa com Mulheres da Colônia Z3 – Pelotas/RS. In: MARTÍNEZ, Silvia Alicia; HELLEBRANDT, Luceni (orgs.). **Mulheres na Atividade Pesqueira no Brasil**. Campos dos Goytacazes/RJ: EDUENF, 2019. p. 265-278. ISBN 978-85-89479-53-0. Disponível em: [https://www.funbio.org.br/wp-content/uploads/2019/08/Mulheres\\_na\\_Atividade\\_Pesqueira\\_no\\_Brasil.pdf](https://www.funbio.org.br/wp-content/uploads/2019/08/Mulheres_na_Atividade_Pesqueira_no_Brasil.pdf).

LOURENÇO, Beatriz Mendes. *Redes Invisíveis da Pesca Artesanal: O trabalho da mulher e o difícil acesso aos direitos sociais*. Rio Grande: IBRAJU, 2020. 120 p. ISBN 978-65-89073-00-0.

SANTOS, Valdir Júnio dos; TIMÓTEO, Geraldo Márcio. Trabalho e relações de gênero na cadeia produtiva da pesca artesanal na Bacia de Campos. In: MARTÍNEZ, Silvia Alicia; HELLEBRANDT, Luceni (orgs.). **Mulheres na Atividade Pesqueira no Brasil**. Campos dos Goytacazes, RJ: EDUENF, 2019. cap. 333, p. 333- 351. ISBN 978-85-89479-53-0.

SILVA, Liza Bilhalva Martins da; ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. **Mulheres na Pesca Embarcada Artesanal: Apontamentos sobre Educação, Saberes e Conflitos Socioambientais**. Educ. Form., Fortaleza, v. 5, n. 3, e1977, set./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.25053/redufor.v5i15set/dez.1977>. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/index>. ISSN: 2448-3583.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Revista Psicologia Política**, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.